

(RE)CATEGORIZAÇÃO E HASHTAG: a desqualificação do outro em textos digitais

(RE)CATEGORIZATION AND HASHTAG: the disqualification of the opponent in digital texts

(RE)CATEGORIZACIÓN Y HASHTAG: la descalificación del oponente en los textos digitales

Maria da Graça dos Santos Faria¹⁵

Rafael Botelho Dutra¹⁶

Marize Barros Rocha Aranha¹⁷

Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar os processos de (re)categorização pelo uso de *hashtags* em textos produzidos na rede social X (antigo *Twitter*), a fim de verificar o traço de desqualificação da polêmica à luz do argumento *ad hominem*. Para tanto, fundamentamo-nos nas reflexões teóricas de Amossy (2017) sobre a polêmica como modalidade argumentativa, recorreremos também aos estudos desenvolvidos por pesquisadores da Linguística Textual

¹⁵ Possui graduação em Direito pela Universidade Federal do Maranhão (1980), graduação em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (1978), mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2009), doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2014), e pós-doutorado em linguística pela UFC (2020). É docente titular da Universidade Federal do Maranhão, Membro do Grupo de Pesquisa Protexto (UFC). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estratégias e procedimentos de organização textual. Professora do programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras da UFMA (PGLetras), Membro do GT "Discurso e argumentação e do GT Linguística Textual e Análise da Conversação da ANPOLL. Atualmente desenvolve pesquisas com produção acadêmica na área de Linguística Textual, com especial interesse nos seguintes temas: argumentação, metadiscurso, processos de referenciação e identidade.

¹⁶ Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). Graduado em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). De 2017 a 2022, participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA (2017/2018; 2018/2019, 2019/2020 e 2021/2022) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (2020/2021).

¹⁷ Professora Associada do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (1985), Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2006) e Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2010). Docente permanente dos Programas de Pós-Graduação - Mestrado Acadêmico em Letras - PGLetras - Linha de Pesquisa: "Estudos de Linguagem e práticas discursivas" e do Programa de Pós -Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica - PPGEEB (Mestrado Profissional) - Linha de pesquisa: "Ensino de línguas" da Universidade Federal do Maranhão. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa Ensino de Línguas e Discurso - GruPELD. Exerceu o cargo de Pró-Reitora de Extensão e Empreendedorismo de 2012 a 2015 na UFMA. Desde novembro de 2019 exerce o cargo de Chefe de Gabinete da Reitoria da UFMA. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Ensino de Línguas, Análise do Discurso de linha francesa, linguística Cognitiva, Linguística Textual, Gêneros, Metáfora e Argumentação.

brasileira (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014) para fundamentar os processos referenciais analisados, bem como utilizamos a classificação de Fiorin (2015) no tocante às características do argumento *ad hominem*. Analisamos dois textos ancorados em contextos polêmicos dos anos 2020 e 2021 que envolvem a conduta do ex-presidente Jair Bolsonaro com assuntos de interesse público. Os resultados demonstram que a *hashtag* é um recurso tecnolinguageiro importante para os pontos de vistas antagônicos na polêmica pública, por isso ela é mobilizada em processos referenciais que têm a finalidade de desqualificar o adversário em interações que ocorrem em âmbito digital *on-line*.

Palavras-chave: Polêmica; Desqualificação; (Re)categorização; *Hashtag*.

Abstract: The objective of this research is to analyze the processes of (re)categorization through the use of hashtags in texts produced on the social network X (formerly Twitter), in order to verify the trace of disqualification of the controversy in light of the *ad hominem* argument. To this end, we are based on Amossy (2017) theoretical reflections on controversy as an argumentative modality, we also resort to studies developed by researchers in Brazilian Textual Linguistics (Cavalcante, Custódio Filho and Brito, 2014) to substantiate the referential processes analyzed, as well how we used Fiorin (2015) classification regarding the characteristics of the *ad hominem* argument. We analyzed two texts anchored in controversial contexts from the years 2020 and 2021 that involve the conduct of former president Jair Bolsonaro with matters of public interest. The results demonstrate that the hashtag is an important techno-linguistic resource for antagonistic points of view in public controversy, which is why it is mobilized in referential processes that have the purpose of disqualifying the opponent in interactions that occur in the online digital sphere.

Keywords: Controversy; Disqualification; (Re)categorization; *Hashtag*.

Resumen: El objetivo de esta investigación es analizar los procesos de (re)categorización mediante el uso de hashtags en textos producidos en la red social X (antes Twitter), con el fin de verificar la huella de descalificación de la polémica a la luz de la argumento *ad hominem*. Para ello, nos basamos en las reflexiones teóricas de Amossy (2017) sobre la controversia como modalidad argumentativa, también recurrimos a estudios desarrollados por investigadores en Lingüística Textual brasileña (Cavalcante, Custódio Filho y Brito, 2014) para fundamentar los procesos referenciales analizados. así como cómo utilizamos la clasificación de Fiorin (2015) respecto de las características del argumento *ad hominem*. Analizamos dos textos anclados en contextos polémicos de los años 2020 y 2021 que involucran la conducta del expresidente Jair Bolsonaro con asuntos de interés público. Los resultados demuestran que el hashtag es un recurso tecnolingüístico importante para puntos de vista antagónicos en la controversia pública, por lo que se moviliza en procesos referenciales que tienen como propósito descalificar al oponente en interacciones que ocurren en el ámbito digital en línea.

Palabras clave: Controversia; Descalificación; (Re)categorización; *Hashtag*.

Considerações iniciais

Na contemporaneidade, o espaço democrático e plural produz dissensões que circulam em diversas esferas de comunicação humana, dentre elas podemos destacar os ambientes de interações digitais *on-line*. Nesse contexto, Amossy (2017) considera a

polêmica pública como uma modalidade argumentativa caracterizada pela dicotomização, pela polarização social e pela desqualificação do adversário, sendo este o interesse desta pesquisa.

A importância dessa modalidade argumentativa, para os estudos da Linguística Textual (doravante LT), dá-se, principalmente, pelo reconhecimento de estratégias textuais que atuam na orientação argumentativa dos enunciados, que fazem parte de uma polêmica pública (Cavalcante *et al.*, 2020). Desse modo, no âmbito do texto, o uso de estratégias textuais colabora para a produção de sentidos que auxiliam no posicionamento indicado pelo locutor. Nesse sentido, a organização do texto revela uma tentativa de influência que pode ocorrer de maneira mais implícita ou mais explícita, visto que partimos do pressuposto, conforme Adam (2011), de que a textualidade é orientada argumentativamente.

Portanto, nosso objetivo principal, nesta pesquisa, é analisar a (re)categorização a partir da classificação proposta por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) em *hashtags* utilizadas em publicações da rede social X (antigo *Twitter*), já que a categorização e recategorização do referente são estratégias argumentativas recorrentes na desqualificação do outro por meio do argumento *ad hominem*. Desse modo, nossa reflexão se inclina para a noção de que a organização textual é fundamental para que os sentidos se manifestam nos contextos em que há uma determinada questão de interesse público, que divide e põe em confronto teses mutuamente excludentes.

Os textos aqui analisados tratam de polêmicas inseridas no contexto sociopolítico brasileiro, sobre as falas do ex-presidente Jair Bolsonaro relativas a assuntos de interesse para a população brasileira, entre os anos de 2020 e 2021. Por considerarmos que as interações digitais *on-line* potencializam os confrontos verbais públicos da polêmica, os textos foram selecionados na rede social X, que possuía, em 2022, 24 milhões de usuários brasileiros, segundo o relatório de fevereiro de 2023 apresentado por *We Are Social e Meltwater*.

Nas próximas sessões, abordaremos os princípios teóricos que fundamentam este estudo, em seguida apresentaremos a análise do corpus e as considerações finais.

Traços que definem a modalidade polêmica

A Teoria da Argumentação no Discurso (doravante TAD) concebe a argumentação como aspecto integrante do discurso, o que leva Amossy (2017) a considerar o dissenso no campo da retórica. Assim, a polêmica pública, outrora considerada como uma etapa a ser superada pelas retóricas clássica e contemporânea, passa a ser concebida como uma modalidade argumentativa do discurso necessária ao funcionamento democrático de uma sociedade plural.

Desse modo, Amossy (2011) redefine o conceito de argumentação como:

[...] a tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário. [...] [a] tentativa de fazer aderir não somente a uma tese, mas também a modos de pensar, de ver, de sentir. (p. 130).

Na TAD, segundo Amossy (2018), a argumentação é vista a partir de dois modos de organização: pela *visada argumentativa*, em que locutor planeja um projeto argumentativo confesso com o claro objetivo de persuadir seu(s) interlocutor(es); e pela *dimensão argumentativa*, em que o locutor apresenta seu ponto de vista, sem a pretensão de persuadir seu(s) interlocutor(es). Este último modo, mais amplo que a visada argumentativa, é consequência do dialogismo inerente ao discurso (Bakhtin, 2011).

A concepção modular da argumentação advém da ideia de um *continuum* da argumentatividade nos discursos, em que se encontram módulos argumentativos inerentes à discursividade. Esses módulos, conforme Amossy (2008, p. 232), são “tipos de trocas argumentativas que, atravessando os gêneros do discurso, modelam a forma como a argumentação funciona tanto num quadro dialogal quanto num dialógico”.

A autora classifica as modalidades argumentativas em seis tipos: a *modalidade demonstrativa* busca adesão por meio de provas que fundamentam uma tese; a *modalidade patêmica* apela aos sentimentos do outro a fim de garantir sua adesão; a modalidade pedagógica se dá numa relação de um locutor no papel de alguém autorizado a dizer o que diz a outro no papel de aprendiz; a modalidade de coconstrução ocorre em uma busca coletiva pela solução de um problema; a modalidade negociada realiza-se quando os participantes ocupam posições conflitantes, mas buscam, coletivamente, o

consenso para solucionar a questão; a modalidade polêmica confronta discursos em posições mutuamente excludentes, é a modalidade do dissenso (Amossy, 2008).

Falar de polêmica pública é admitir seu caráter conflituoso, ou seja, aceitar o pressuposto de que a polêmica se liga inerentemente ao desacordo. Partindo disso, Amossy (2017) reivindica um espaço para a análise das controvérsias públicas no interior do discurso, partindo de estudos que revalorizam as dissensões sociais. Chantal Mouffe (2000), por exemplo, é uma das cientistas políticas que, em sua teoria da democracia deliberativa, revisita as dissensões sociais mostrando que a dissensão e o conflito são necessários e onipresentes nas decisões democráticas.

Mouffe (*ibidem*) destaca, ainda, a equivocada ideia (ou às vezes uma manobra política) de um consenso que apaga as diferenças sociais. Assim, para a autora, o “pluralismo agonístico” é uma das condições imprescindíveis para a existência de uma sociedade democrática.

Plantin (2003) contribui para a teoria de Ruth Amossy ao defender que a polêmica tem caráter público devido aos princípios que são evidenciados no confronto verbal. Se tomarmos como exemplo a fala “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?”, proferida pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, numa coletiva de imprensa, em 20 de março de 2020, notaremos uma polêmica pública desencadeada a partir desse acontecimento. O termo “gripezinha”, que minimizava os efeitos da pandemia de Covid-19, soou como ofensivo e insensível para inúmeros cidadãos, políticos, médicos, artistas e profissionais do jornalismo. Os meios de comunicação, a exemplo das principais emissoras de TV e revistas que abrangem questões políticas, salientaram o descaso expresso pela fala do ex-presidente da República, uma vez que outros países, como Itália, já demonstravam os efeitos trágicos causados pelo vírus da Covid-19.

Observamos, portanto, que um acontecimento engaja o público a partir de questões de seu interesse, desencadeando uma polêmica. Além disso, segundo Amossy (2017), a questão polêmica de interesse público surge a partir de um dado contexto que se ancora na atualidade, tendo em si um aspecto efêmero.

Como modalidade argumentativa, a polêmica é uma oposição de discursos, o que leva Amossy (2017, p. 49) a considerar que, na polêmica, “o antagonismo das

opiniões apresentadas no seio de um confronto verbal é sua condição *sine qua non*”. Essa oposição de discursos se dá numa ancoragem conflitual que define os principais traços que caracterizam a modalidade argumentativa polêmica:

Tabela 1: Traços da modalidade polêmica

ANCORAGEM CONFLITUAL: ESTRUTURA INTERACIONAL DA POLÊMICA	
Dicotomização	Não há a busca por um consenso que ultrapasse as diferenças. A natureza discursiva da polêmica dificulta qualquer tipo de acordo, pois “se há choque de opiniões contraditórias, é porque a oposição dos discursos, na polêmica, é o objeto de uma clara <i>dicotomização</i> na qual duas posições antitéticas se excluem mutuamente” (Amossy, 2017, p. 53).
Polarização social	As vozes sociais dos participantes da polêmica se agrupam em dois extremos que apresentam pontos de vista profundamente divergentes. Assim, cada grupo apresenta uma determinada identidade diante da questão polêmica de interesse público.
Desqualificação do adversário	Na polêmica, o adversário é mostrado de forma pejorativa, pois a fala polêmica se caracteriza pelo contradiscurso - um polemista defende seu ponto de vista, mas ao mesmo tempo ataca o ponto de vista de seu adversário ou de uma pessoa ou de um grupo que assume o papel de adversário (Amossy, 2017).

Fonte: Amossy (2017).

Diante do exposto, observamos que a polêmica, enquanto fenômeno social e discurso, perpassa as trocas verbais caracterizadas pelo desacordo em espaços democráticos. Isso nos coloca diante de uma problemática que envolve o critério argumentativo, evidenciado, principalmente, por um discurso que desqualifica o outro, e pelo seu desenvolvimento em interações digitais *on-line* nas trocas verbais contemporâneas.

A desqualificação e o argumento *ad hominem*

O locutor age pelo discurso para vencer seu adversário na arena do confronto verbal público, e é nesse sentido que Kebrart-Orecchione (1980) afirma que não há discurso polêmico sem a desqualificação do outro. Assim, a refutação de um ponto de vista é, geralmente, acompanhada por um ataque à pessoa que o defende, de acordo com Amossy (2017).

No âmbito da TAD, a desqualificação pode consistir, por exemplo, em uma tentativa de rebaixar o adversário a partir de algum aspecto explicitado no discurso, ou pela tentativa de silenciar o adversário por considerá-lo irrelevante para a discussão, ou, ainda, pela tentativa de demonizar a imagem do outro a fim de despertar as paixões de repulsa e ódio no público. Nesse sentido, o outro é necessariamente desqualificado e silenciado no confronto (Amossy, 2017).

Duarte (2023) destaca que o traço de desqualificação da fala polêmica instaura a confrontação em si na polêmica, fazendo uso, muitas vezes, do argumento *ad hominem*:

[...] a desqualificação do adversário é um traço também essencial da polêmica, pois possibilita, em nossa opinião, em um acontecimento midiático, a confrontação em si, em que se manifestam paixões, razões e até violência verbal. Muitas vezes, o desqualificador do adversário, que é o Proponente, fará uso do argumento *ad hominem*, um dos recursos utilizados textualmente (dentre outros) para desqualificar o outro, com o intuito de, conforme Amossy (2017), pôr em xeque a credibilidade do outro e de o enterrar simbolicamente. (p. 58-59).

O argumento *ad hominem*, classificado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), é um tipo de argumento dirigido ao interlocutor, com a finalidade de desqualificá-lo. A análise do corpus, deste trabalho, fundamenta-se na classificação apresentada por Fiorin (2015) sobre o argumento *ad hominem*:

- a. *O ataque pessoal direto*: dirigido a qualquer aspecto da pessoa do argumentador (seu caráter, sua competência, sua honestidade) para atingir a ética do adversário, apresentando-o como desonesto, não íntegro, não digno de confiança, ou seja, nesse ataque, sempre se apresenta uma característica negativa do oponente.
- b. *O ataque pessoal indireto*: coloca sob suspeita a imparcialidade do argumentador, apresentando uma característica do oponente que, em princípio, não seria negativa (filiação política, crença religiosa, etnia, alianças de qualquer natureza), assim, apresenta-se esse argumentador como alguém tendencioso, que defende uma pauta oculta, que tem motivações pessoais para lutar em favor de uma dada posição, que pode estar motivado por preconceitos ou por uma visão parcial.
- c. *Apontar contradições*: busca destacar a posição atual do adversário e pontos de vista anteriores sobre o mesmo tema, ou apontar a incoerência entre suas palavras e suas ações.

Em nossa análise, propomos mostrar que a argumentação, na modalidade polêmica, pode ser apreendida por meio da organização textual, a partir de processos referenciais (categorizações e recategorizações) em produções textuais nativas do espaço digital *on-line*. A partir disso, podemos refletir sobre a mobilização dessas estratégias textuais para a manifestação de um ponto de vista que busca desqualificar o adversário por meio do uso do argumento *ad hominem*

Uma análise da (re)categorização em *hashtags*

Entendemos, à luz de estudos realizados por Mondada (1994) e por Mondada e Dubois ([1995] 2003), que a língua não é um espelho fiel da realidade. Ao contrário dessa visão amplamente defendida em outras teorias, a referenciação é o processo pelo

qual a linguagem tenta interpretar o real, não se trata, portanto, de uma relação de objetividade. Desse modo, os interlocutores, na interação, estão negociando sentidos e, para isso, conforme Custódio Filho (2017), compartilham, numa argumentação polêmica, por exemplo, distintas construções dos referentes envolvidos na interação.

É a negociação, auxiliando na construção da coerência no processo comunicativo, que permite que os interlocutores compreendam essas construções referenciais. Assim, segundo Cavalcante (2018, p. 105):

Como se costuma dizer, para um fato, há sempre várias interpretações. Para a referenciação, essa ideia é muito preciosa. Na verdade, o processo de construção dos referentes implica que, no fundo, o papel da linguagem não é o de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas, sim, o de construir, por meio da linguagem, uma versão, uma elaboração dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados. É muito importante que isso fique claro, pois isso é o principal pressuposto da referenciação: os eventos ocorridos, as experiências vividas no mundo não são estáveis, não são estáticos. Eles sempre são reelaborados a fim de que façam sentido.

Consoante Cavalcante *et al.* (2020), a reelaboração de objetos de discurso parte do pressuposto de que os interlocutores envolvidos na interação tentam interferir na visão de mundo um do outro. Entendemos, assim, que os processos referenciais são acionados por um locutor que tenta obter êxito em sua tentativa de influenciar seu interlocutor. Esses processos ocorrem por meio dessa atividade textual-discursiva denominada referenciação, em que um locutor mobiliza escolhas que atribuem significados às coisas reais ou fictícias que ele busca destacar dentro da sua proposta de sentido(s).

A reelaboração da realidade não é uma ação isolada, totalmente subjetiva, pois as “ideias não se processam isoladamente na mente de cada sujeito, mas dependem de como cada um percebe a ação dos outros participantes incluídos na situação” (Cavalcante, 2018, p. 110). Nesse sentido, a elaboração da realidade é um processo intersubjetivo, ou seja, trata-se de uma subjetividade partilhada.

Outra característica da referenciação diz respeito aos conhecimentos e experiências sociais que são acionados na produção e interpretação textual, ou seja, o

processo de referenciação é também uma atividade sociocognitiva. Dessa forma, entendemos que a referenciação é uma atividade cognitiva, já que parte do que os sujeitos conseguem processar para produzir e compreender textos. Entretanto, atemo-nos a uma visão cognitiva que não leva em conta apenas os processos mentais, pois consideramos de igual importância o aspecto social para a atividade referencial (Cavalcante, 2018).

Assim, compreendemos que o processo de referenciação parte de uma interação que há entre sujeitos situados sócio historicamente, em razão de uma função de um querer dizer, por isso deve ser destacado o seu papel na construção da argumentação do texto, visto que, segundo Koch (2006, p. 45), é um processo que contribui “para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva”.

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) classificam os processos de referenciação da seguinte maneira:

- a. *Introdução referencial*: quando o referente/objeto de discurso é introduzido no texto;
- b. *Anáfora*: estratégia de retomada do referente/objeto de discurso por meio de expressões referenciais;
- c. *Dêixis*: coordenadas para identificar quem enuncia, e o tempo e espaço nos quais o enunciador se encontra.

Segundo Koch e Elias (2012), a introdução de referentes no texto pode ocorrer por meio de uma introdução ancorada, quando o objeto de discurso é inserido no texto tomando como base os elementos cotextuais ou o contexto sociocognitivo, ou pode, ainda, ocorrer por meio de uma introdução não-ancorada, quando um referente surge pela primeira vez no texto com a sua primeira categorização.

A anáfora, por sua vez, segundo Cavalcante e Soares (2017), é um processo de manutenção e progressão do referente no texto, de modo que o objeto de discurso permanece em foco. Assim, de um lado, a anáfora é direta quando “retoma um mesmo referente já estreado no texto”. Por outro lado, a anáfora indireta não estabelece uma relação correferencial com o objeto de discurso apresentado no texto, já que, ao contrário

da anáfora direta, “aciona referentes que apresentam um vínculo contextual com referentes expressos no cotexto ou com pistas contextuais de qualquer natureza” – aqui as autoras retomam a noção de introdução ancorada discutida por Koch e Elias (2012). E por último, tem-se a anáfora encapsuladora que antecipa ou resume porções textuais.

As estratégias anafóricas constroem o movimento de retomada e de manutenção que a LT entende como recategorização do referente¹⁸. Essas mudanças que o referente vai sofrendo ao longo do processamento textual são importantes para revelar as orientações argumentativas que o locutor empreende em seu dizer.

Neste trabalho, detemo-nos na análise dos processos referenciais de introdução de e de retomada do referente no texto, pois nosso foco é a categorização e recategorização no projeto de dizer de um locutor situado em uma determinada questão polêmica, para que, assim, possamos analisar a desqualificação do adversário.

O foco na *hashtag* apoia-se na noção de tecnodiscurso desenvolvida por Paveau (2020). A autora defende que os discursos nativos digitais devem ser considerados à luz de uma ecologia do discurso que leva em conta não só o aspecto puramente linguístico, como também os componentes tecnológicos.

Nesta pesquisa, que lida com textos retirados de uma rede social digital amplamente utilizada por internautas brasileiros – o X –, compreendemos a necessidade de analisar a referenciação por meio de tecnofomas do *link* pelo uso da *hashtg* em textos produzidos nessa mídia. A *hashtag* é um recurso tecnológico que admite, no plano morfológico, tecnopalavras ou tecnossegmentos mais longos (Paveau, 2022). Nesse sentido, por meio das tecnofomas da *hashtag*, buscamos analisar, nos textos a seguir, os processos referenciais mobilizados para conferir força à desqualificação lançada sobre o adversário na polêmica pública.

Texto 1: Publicação de ataque à conduta do ex-presidente Bolsonaro

¹⁸ Isso não se aplica ao caso da anáfora indireta.



Fonte:

<https://twitter.com/Marina92011959/sttus/1438976624574205956>. Acesso em: 12.08.23.

O texto 1 é direcionado à conduta política do ex-presidente Jair Bolsonaro. Antes de ser presidente da República, quando ainda era deputado federal, o político fazia uma série de críticas aos programas sociais dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT). Entre suas pautas de críticas aos governos petistas, estava o programa Bolsa Família, geralmente apontado, por Bolsonaro e seus apoiadores, como um sistema de compra de votos.

O que nos chama a atenção é que a polêmica pública se instaurou do lado dos próprios apoiadores do ex-presidente Bolsonaro, quando este, por meio de decreto, decidiu aumentar o IOF (imposto) para arrecadar R\$ 2,14 bilhões para custear o Auxílio Brasil, uma proposta que visava unificar o Bolsa Família e outros programas sociais, colocando-se como um substituto do Auxílio Emergencial.

A partir desse contexto, o texto 1 apresenta contradição na conduta política do presidente Jair Bolsonaro. Segundo Fiorin (2015), a apresentação de contradição é constantemente utilizada no debate político, uma vez que os políticos costumam assumir posições diferentes quando estão no governo ou na oposição. O tuíte apresenta uma imagem retirada do portal VemPraRua.net que mostra dois momentos: um antes – com o *print* de um *tweet* de Bolsonaro insultando o Bolsa Família (“Bolsa-farelo”, nas palavras

dele); e um depois – mostrando o *print* de uma notícia do Portal Metrôpoles sobre a medida do governo para arrecadar dinheiro para o Auxílio Brasil.

Esses elementos verbo-visuais são ainda relacionados ao enunciando “Na campanha Bolsonaro tinha um discurso. Depois que foi eleito, o discurso mudou.” e à *hashtag* #BolsonaroTraidor”, constrói uma orientação argumentativa que nos leva a encarar o presidente com desconfiança, como um alguém que não cumpre com o que diz.

A *hashtag* #BolsonaroTraidor opera um processo de recategorização do referente “Bolsonaro” para atacar diretamente o caráter do presidente, apresentando contradição em sua conduta. O adjetivo “Traidor” reforça que o presidente age desonestamente com aqueles que o elegeram a partir de pautas que ele defendia em sua carreira política, quando ainda não era presidente da República.

Vemos, pois, que o referente e a reconstrução, em torno de Bolsonaro, cumprem o propósito de apresentar a “verdade dos fatos” pela desqualificação do adversário: o ex-presidente Bolsonaro trai seus aliados quando decide criar algo que ele enfaticamente criticou em inúmeras ocasiões, quando ainda era deputado federal.

Texto 2: Publicação de ataque à atriz Maitê Proença



Fonte:

https://twitter.com/eric_petry/status/1258850456014553089.

Acesso em: 02.09.2023.

O texto 2 ilustra o ataque pessoal indireto dirigido ao posicionamento da atriz Maitê Proença. Em 07 de maio de 2020, quando ainda era Secretária de Cultura no Governo Bolsonaro, **Regina Duarte interrompeu uma entrevista** na CNN Brasil e se mostrou muito chateada ao ser pedida para responder a um vídeo de **Maitê Proença. No vídeo, a atriz veterana faz as seguintes considerações para sua colega de profissão:**

É inexplicável o silêncio sobre uma política para o setor. Nós estamos sobrevivendo de vaquinhas nesse túnel comprido e sem futuro à vista pra arte, que afinal se faz juntando gente. Mas até quando isso vai poder se sustentar? São muitos poucos os que têm reservas financeiras pra milhares que estão à míngua. Enquanto isso, morrem os nossos gigantes: Rubem, Moraes, Aldir, Flávio e nenhuma palavra do presidente, nenhuma palavra da nossa Secretária de Cultura. Regina, eu apoiei desde o início o seu direito a uma opinião que divergia da maioria dos seus e estou aqui agora, clamando pra que se apresente os feitos. Fale com sua classe, Regina. Nós precisamos de você.

O episódio alcançou rapidamente uma grande repercussão pelas redes sociais e portais especializados em política e fofocas de celebridades, gerando uma polêmica pública que colocou em destaque uma pauta de interesse público: a relação do governo Bolsonaro com a classe artística no Brasil.

Para pôr no terceiro a suspeita de uma posição defendida por Maitê Proença, atacando sua credibilidade no debate, o internauta constrói um texto com elementos verbais, imagéticos e tecnolinguageiros. A parte visual apresenta o rosto da atriz (retirado diretamente do vídeo original transmitido pela CNN Brasil), com a imagem de cima apresentando um dos momentos de sua fala durante o vídeo do canal fechado: “Nós estamos sobrevivendo de vaquinhas”.

Por outro lado, a imagem inferior faz uso da expressão “A casinha”, que aponta para o ambiente físico em que a atriz se encontra, levando-nos a inferir que se trata

de uma pessoa que se beneficiou muito com os recursos advindos do Governo Federal durante a passagem de outros chefes de Estado. Esses elementos constroem um movimento de contradição na posição defendida pela atriz Maitê Proença.

No enunciado “Quem é que não queria uma “vaquinha” dessas, não é mesmo?”, a expressão “vaquinha” aparece entre aspas para sugerir a intenção oculta da atriz em sua posição defendida. Sobre isso, Fiorin (2015) destaca que o argumento *ad hominem* também coloca sob suspeita as intenções do oponente, isto é, deixa subentendido no texto que não é seguro confiar nas palavras do adversário, já que ele é apresentando como “um alguém tendencioso, que defende uma pauta oculta, com motivações pessoais para lutar em favor de uma dada posição”.

O que reforça o ataque, na publicação, são as *hashtags* #maiteproenca e #viuvadaleirouanet. Elas desqualificam a atriz ao propor que ela age tendenciosamente, quando ataca o Governo Federal, alegando a falta de recursos para a classe artística do Brasil.

A primeira *hashtag* (#maiteproenca) opera uma introdução referencial no texto, é o nome da própria atriz mobilizado para um processo de categorização. A segunda *hashtag* (#viuvadaleirouanet), por sua vez, opera uma recategorização referencial, retomando o referente #maiteproenca, apresentando-o como um alguém movido por uma intencionalidade suspeita, isto é, a atriz só ataca o governo de Bolsonaro porque lhe falta dinheiro pela Lei Rouanet (oficialmente Lei Federal de Incentivo à Cultura, Lei nº 8.313 do dia 23 de dezembro de 1991) para custear seus gastos pessoais (como o de sua “casinha”).

A partir da análise dos dois textos, observamos que a referenciação opera em textos oriundos da rede social X, em especial nos textos que dão ênfase à construção de um ponto de vista situado em uma polêmica. Dessa maneira, situamos um dos critérios analíticos da Linguística Textual dentro dos estudos argumentativos, pois partimos do pressuposto, em consonância com Cavalcante *et al.* (2020), de que a organização de todo texto está em prol de uma orientação argumentativa. Assim, constatamos que os processos de (re)categorização são mobilizados para construir sentidos, partindo de uma motivação argumentativa do locutor.

Considerações finais

A importância da análise textual de textos digitais *on-line* reside na relevância desses textos em cenários de confronto verbal, já que as mídias digitais, na contemporaneidade, atuam como os principais palcos do debate público. Nesse contexto, a rede social digital X merece atenção analítica quando constatado o uso frequente de *hashtags* que não só tornam um assunto evidente, operando, segundo Paveau (2022) um segmento linguageiro e clicável que cria um fio que agrupa um conjunto de discursos, como também agem na textualidade, objetivando uma tentativa de desqualificação do adversário.

Os processos referenciais de categorização (introdução referencial) e recategorização (anáfora direta) foram explorados como estratégias para a desqualificação do adversário em polêmicas públicas. Os textos 1 e 2 demonstram que esses processos são acionados para orientar argumentativamente os modos de conceber os objetos de discurso.

Por fim, esta pesquisa nos leva a compreender que os elementos tecnológicos e linguageiros são hoje imprescindíveis para o funcionamento de uma sociedade democrática. Assim, as *hashtags*, que são tecnossegmentos linguageiros, e que foram analisadas textualmente, cumprem função social e política importantíssimas para a pluralidade de pontos de vista, além disso, corroboram para a criação de grupos que se identificam a partir de um determinado posicionamento antagônico em uma dada polêmica pública.

REFERÊNCIAS

ADAM, J.M. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. Trad. João Gomes da Silva Neto *et al.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Coordenação de tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **Apologia da polêmica**. Coordenação de tradução: Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. As modalidades argumentativas do discurso. *In*: LARA, G.; MACHADO, I.; EMEDIATO, W. (Org.). **Análises do discurso hoje**, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 231-254.

_____. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução de Eduardo Piris e Moisés Olímpio. **EID&A**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CAVALCANTE, M. M. *et al.* **Linguística Textual e Argumentação**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2020.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M.; SOARES, M. Recategorização por nome próprio nos processos referenciais. **Revista de Letras**, vol. 36(2) – jul./dez. 2017, p. 115-126.

CUSTÓDIO FILHO, V. Rediscutindo o princípio de construção negociada dos objetos de discurso. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 2, n. 36, p. 63-77, 2017.

DUARTE, A. L. M. **A desqualificação do outro em modalidades demonstrativa e polêmica nas esferas jurídica e midiática**. (Tese de Doutorado) Universidade Federal do Ceará. 213 p., 2023.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

KERBRAT-ORECHIONI, C. La polémique et ses definitions. *In*: GELAS, N.; KERBRAT-ORECHIONI, C. (eds.). **Le discours polemique**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1980, p. 3-40.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**. São Paulo: Contexto, 2012.

MONDADA, L. **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets de discours**. Tese, Université de Lausanne, Lausanne, 1994.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In*: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). **Referenciação**. Clássicos da linguística. v. 1. São Paulo: Contexto, 2003.

MOUFFE, C. **The democratic paradox**. London/New York: Verso, 2000.

PAVEAU, Marie-Anne. Discurso e *links*. Hipertextualidade, tecnodiscursividade, escritura. In: **Texto, discurso e argumentação**: traduções (2020). Tradução de Maria Eduarda Giering e Luciana Cavalheiro. Tradução do texto “*Des discours et des liens. Hypertextualité, technodiscursivité, écriture*”, originalmente publicado na revista *Semen – Reveu de sémio-linguistique des textes et discours*, nº 42, em 2017.

_____. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

PLANTIN, C. Des polémistes aux pléminiquesurs. In: DECLERCQ, G.; MURAT, M.; DANGEL, J. (eds.). **La parole polemique**. Paris: Champion, 2003, p. 377-408.